



A EVOLUÇÃO DO ESTILO MUSICAL SERTANEJO: DO CAIPIRA AO UNIVERSITÁRIO

Luiz Otávio Silva Reis
luizotaviocomex@hotmail.com
UNIS-MG

Sheldon William Silva
sheldon@unis.edu.br
UNIS-MG

Lucas Rosa Paiva
lucas@unis.edu.br
UNIS-MG

Pedro dos Santos Portugal Júnior
pedrorottract@hotmail.com
UNIS-MG

Fabrizio Pelloso Piurcosky
fabrizio@unis.edu.br
UNIS-MG

Resumo: Este trabalho aborda a evolução do sertanejo caipira até o novo estilo musical denominado sertanejo universitário. O propósito deste estudo é demonstrar como o estilo simples, recatado e do sertão, deu origem ao sertanejo universitário e comprovar a hipótese de que houve um crescimento desse gênero musical nos dias atuais. Para alcançar este objetivo, a pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, utilizará artigos científicos, livros e dados do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) entre os anos de 2013 a 2017. O ritmo caipira passou várias etapas durante seu crescimento e superou alguns preconceitos até se tornar popular. A análise demonstrou que o ritmo sertanejo passou por diversas mudanças até chegar no ritmo dos dias atuais, e com isso, concluiu-se que várias dessas fases colaboraram para que esse crescimento do estilo fosse significativo em relação ao seu início caipira, destacando principalmente suas grandes realizações e participações em rádio, televisão, shows, e outras formas de arrecadação. O que antes era somente música, agora virou negócio. Um mercado competitivo e nem sempre justo no cenário fonográfico, pois quanto mais investimento correto e efetivo houver, mais êxito terá no negócio e possivelmente o cantor/banda irá conseguir se sobressair aos demais artistas que não estão no mesmo patamar de negócios ou financeiro.

Palavras Chave: Mercado musical - Música sertaneja - ECAD - Evolução musical -



1. INTRODUÇÃO

O gênero musical sertanejo é brasileiro e se dá por uma variação ou urbanização da música caipira onde se originou os instrumentos como viola, acordeão e a gaita. O sertanejo atual é conhecido por suas melodias simples e melancólicas, chamado de um desenvolvimento das letras caipiras, até as letras da atualidade. A temática do sertanejo caipira era especialmente baseada sobre sua vida no campo, enquanto o sertanejo universitário mudou essa temática objetivamente para agradar seu público alvo, com temas de amor e traição (ANTUNES, 2012).

As modificações no escopo do gênero musical sertanejo têm acarretado grandes discussões no país sobre o que seria a música caipira/sertaneja. Muitos estudiosos acreditam e seguem a tradicional tendência de integrar a música caipira e sertaneja como subgêneros dentro de um mesmo conjunto musical, que estabelece suas fases e divisões. De 1929 a 1944 é o período da música caipira (ou sertanejo raiz); da pós-guerra até a década de 1960 como uma evolução da velha música raiz para o atual gênero sertanejo; e dos anos sessenta até a atualidade como música “sertaneja romântica”. (ALONSO, 2011).

Por ter um certo conhecimento no ramo musical, vejo que é interessante toda essa transformação do estilo, do caipira para o universitário, e hoje em dia o quanto este novo ritmo engloba outros estilos. O sertanejo Universitário nos dias atuais baseia-se não somente à sua raiz, mas abre espaço para a entrada de outros estilos que talvez no momento atual não estejam tão sólidos, e assim serve como base um para o outro. Um estilo alavancando o outro. É notável que atualmente utiliza-se um “casamento de estilos” como por exemplo: samba junto com sertanejo, pagode, funk, música clássica, dentre outros estilos, casam-se uns com os outros, e tudo se transforma nessa mistura que já é o povo brasileiro. O sertanejo atual atingiu todo esse patamar, porque antes de tudo se permitiu a mudança, e é conhecido por ser sempre o estilo que está em frequente crescimento. E essa mudança agrada não somente os jovens das baladas, das casas noturnas, mas também seguidores do estilo desde os tempos antigos, onde se predominava o sertanejo romântico, ou a raiz.

O objetivo deste estudo é buscar entender como o sertanejo universitário cresceu tanto desde as últimas décadas, e expor a história do caboclo (homem do campo) sertanejo desde os anos 1930 até os dias atuais, ressaltando o começo desta trajetória, e como chegou aos dias atuais mantendo um estilo totalmente diferente da sua origem, mas que traz os seus traços, e se adapta às mudanças do tempo e história.

Esta tarefa será realizada através de pesquisa no *Google Scholar*, *Youtube*, Livros. Os artigos foram selecionados, de acordo com as buscas feitas através de palavras chaves como “Sertanejo Universitário”, “Evolução do Caipira”, “Música Sertaneja”.

As próximas seções tratam do surgimento do Sertanejo, ressaltando sua evolução e contexto histórico, abrangendo também sobre a era do rádio e que efeito teve no seu crescimento até chegar nos dias atuais, no ritmo denominado Sertanejo Universitário.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 A VIOLA: SEU SURGIMENTO E EXPANSÃO

A viola muito antes de desembarcar no Brasil já fazia parte da vida dos portugueses, tendo origem sua origem a principio de instrumentos árabes como o alaúde (ANTUNES, 2012).

Naquele tempo, a viola servia para comemorações, e para animar as vidas dos grandes aventureiros que se distanciavam de seus familiares e encontravam na música uma morada.



O caboclo e a viola andavam de mãos dadas, e na medida em que os colonos europeus se casavam com as índias, nasciam os primeiros mestiços da nova nação, chamados de caboclos, também conhecidos como “mamellucos”, caiçara, “caribocas ou curibocas” (ANTUNES,2012).

A nacionalização da viola foi dada através dos caboclos que por sua mão de obra construíram cópias de instrumentos de Portugal dando assim um grande início a uma nova tradição que ajudaria a nova nação a mostrar seu talento musical.

Quem ajudou a expandir o hábito de tocar viola pelo interior do país fora os tropeiros. Nesta época a comunicação entre as vilas era muito pequena, quase não existia, e os tropeiros estabeleceram também um grande papel cultural, pois levavam notícias e ideias de um lugar para o outro juntamente com suas violas que na maioria das vezes estavam amarradas em um saco de linho, na garupa do seu animal.

Segundo Melon (2013) na década de 1930 a 1950 a rádio presenciou e vivenciou sua chamada “Era do Ouro” e se transformo no principal meio de divulgação de informações e artistas de vários gêneros.

Com toda essa história e crescimento se expandindo cada vez mais, e fez surgir uma elite paulistana, mas que continha valores europeus, e também valores franceses, e preconceituosamente desdenhava do homem simples que se habitava no campo.

No interior não era muito diferente, a elite negava o caipira, tratando-o de forma inferior, como bobo e atrasado.

Na era do rádio, sendo o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhares de pessoas. O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significado aos acontecimentos (CALABRE, 2002).

Essa imagem ruim sobre o caipira foi desmitificada a partir da década de 1940, que foi quando Cornélio Pires que tinha um vasto conhecimento folclórico, realizou com grande sucesso e importância no colégio “Mackenzie”, um final de semana cultural em que o foco principal, eram as riquezas do universo caipira.

2.2 A CHEGADA DA RÁDIO: AS OPORTUNIDADES SURGIRAM

Antunes (2012) afirma que a chegada da rádio ajudou muito as pessoas a terem um olhar diferente sobre o caipira, ou seja, obtiveram um olhar mais maduro e cultural, que aos poucos foi se popularizando.

De forma semelhante, Melon (2013) lembra que a chegada da rádio na década de 1920 foi muito importante para o crescimento e expansão do ritmo sertanejo. A sonoridade rural dos estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e Minas Gerais foi grandemente difundida e acabou se adaptando e pegando para si o termo ‘sertanejo’. Porém, quando o autor supracitado fala da modernização da música brasileira, percebem-se suas adaptações para viabilizar as gravações. A chegada da música sertaneja nas gravadoras torna-se um marco, pois algumas canções como catiras, foram totalmente modificadas para ser gravadas. Em suma, o catira – subgênero da música sertaneja – que além da musicalidade, também detém uma contribuição cênica, seria restrito essa gravação, já que apenas seria possível a reprodução sonora.



A rádio a princípio era um instrumento de uso da elite e somente voltado para a mesma, pois só recebiam a programação quem tinha os receptores e pagava uma mensalidade para ouvir ópera, recitas de poesias e também palestras culturais (ANTUNES, 2012).

Por tanto, isso só foi mudado quando foi decretado em 01/02/1932, que autorizava comerciais em 10% da programação total que se tinha. Foi a partir deste momento que as rádios começaram a buscar diversos artistas e produtores para adicioná-los em suas programações. E foi através deste decreto que este método se tornou bastante popular, abrindo portas para outras culturas em especial a caipira.

Em 1936, os aparelhos de rádios que antes eram de difícil acesso, começaram a ser vendidos, e basicamente todos que na época tinham condições, poderia comprar o equipamento em lojas do ramo.

Calabre (2002) destaca que nos anos 1960 os programas de rádio que faziam sucesso e fizeram nas décadas passadas, tinham se transferido na maior parte para a televisão. E foi a partir deste momento que aplicaram novos modelos de programação radiofônica, se distanciando cada vez mais dos modelos de antigamente nos “anos dourados” do rádio brasileiro.

2.3 O ESTILO CAIPIRA AGORA É CHAMADO DE SERTANEJO

Outro aspecto a ser abordado é que o surgimento da música sertaneja nos aparelhos radiofônicos e também nas gravadoras foi um grande passo para que o gênero iniciasse seu percurso por todo o Brasil.

Melon (2013) relata que Jararaca e Ratinho também fizeram parte desta história de geração. Alvarenga e Ranchinho, Caçula e Mariano e Cornélio Pires, foram os grandes incentivadores e divulgadores desta musicalidade na década. Com esse cenário houve uma facilidade para novas elaborações musicais não abrangendo somente o ritmo caipira, mas também outros estilos presentes nas regiões.

As guitarras elétricas foram as grandes responsáveis e incentivadoras pela mudança e transformação na música sertaneja.

Influenciados pela música country norte-americana, a dupla Milionário e José Rico acrescentou em suas canções um novo instrumento: a guitarra elétrica, instrumento que na década de sessenta estava no *mainstream* por bandas de rock. Zan (2004, p.4) escreve que

[...] uma nova modalidade de música sertaneja começa a ser produzida a partir de então. Novas duplas destacam-se nesse período como Milionário e José Rico, Léo Canhoto e Robertinho, entre outros. O repertório produzido por essas duplas confunde-se com outro segmento, também em expansão chamado ‘brega’. Eram canções com temáticas românticas e melodramáticas que anunciavam a produção que se destacou no mercado fonográfico brasileiro a partir dos anos 80 com as duplas Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Gian e Giovani, dentre outras.

Pode-se perceber que neste período alguns artistas eram responsáveis por reproduzirem um repertório que continham músicas de origem “raiz”. No entanto, a dupla Milionário e José Rico tinha um segmento onde suas influências eram tiradas das origens norte-americanas, no que conseqüentemente levava a dupla por um caminho que estabelecia uma proposta um pouco diferente dos demais artistas da época que já vinham em um mesmo segmento: o sertanejo romântico.



A indústria fonográfica brasileira se interessou profundamente por esse estilo, e investiu no segmento, onde obtiveram grande sucesso com as vendas de CD's dos artistas e com isso promovendo um grande consumo específico do estilo.

Salazar (2010) ressalta que a música é a manifestação artística mais entranhada na sociedade, presente em todos os grupos sociais e em diferentes faixas etárias. Anderson (2006) demonstrou que o negócio da música é composto por milhares de nichos. Música para ninar, música para brincar, música para dançar, música para se apaixonar, música para protestar, música para relaxar. Do “brega” ao jazz, do axé à MPB, do pagode ao blues, do forró à música clássica, do sertanejo ao rock. Não há mais o grande mercado, o grande hit, a grande estrela da música, mas milhares de micromercados, de mini hits e de artistas satélites.

O período que corresponde aos anos 80 e 90 Foi marcado pelo advento de novas tecnologias na área Fonográfica que levaram ao barateamento do processo de produção. Os custos para a montagem de pequenos estúdios, em condições de realizar gravações de qualidade, tornaram-se mais acessíveis. Consequentemente, multiplicaram-se pequenas gravadoras (Indies), selos e artistas independentes. A indústria Fonográfica sofreu uma reestruturação. As grandes gravadoras (majors) passaram a terceirizar serviços, convertendo-se, geralmente, em escritórios executivos. Simultaneamente, reforçaram o controle sobre a divulgação e a distribuição de Fonogramas para garantirem o monopólio do mercado. Nesse contexto, as experiências com lançamentos de novos gêneros e novos artistas passam a ser feitas, em geral, por pequenas gravadoras e selos independentes. E uma grande gravadora somente demonstra interesse em contratar um artista quando este der demonstrações de que foi capaz de conquistar um determinado público e de que tem condições de expandi-lo. Pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que controlam a divulgação e a distribuição, as grandes gravadoras terceirizam os riscos de investimentos em novidades (ZAN, 2001).

2.4 A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA BRASILEIRA

Neste mercado, o sonho de todo jovem cantor é conseguir obter sucesso trabalhando com música e adquirir renda com esse instrumento de trabalho. Infelizmente a minoria acaba conseguindo este êxito, pois além de dedicação, o músico tem que estudar e conseguir ver esse mercado de forma ampla, e promissora. E, além disso, é de grande ajuda saber que neste campo, não somente de banda autoral se vive o músico. Há diversas possibilidades de negócio que poderiam beneficiar neste meio como, composições, produção independente de outros artistas, consultoria musical, dentre diversos outros segmentos. Possibilitando assim uma grande soma de todos os trabalhos trazendo uma renda significativa no final dos trabalhos.

O músico precisa enxergar várias possibilidades de trabalho na área musical. A seguir, as oportunidades de negócios mais comuns, direta ou indiretamente, na indústria da música na atualidade, SALAZAR, (2010):

- banda autoral
- banda tributo ou cover
- banda ou orquestra de baile
- sonorização para eventos
- montagem de estrutura
- empresariamento artístico (management)
- agenciamento (booking)
- produção executiva (show ou disco)



- produção de turnê (tour manager)
- técnica (som, luz, palco)
- direção artística (disco ou show)
- casa de show, teatro, boate, bar (música ao vivo)
- produção fonográfica (gravadora)
- edição musical (editora)
- distribuição de discos (distribuidora)
- comércio de disco, DVD e afins
- comércio de instrumentos, equipamentos e acessórios
- fabricação e reparo de instrumentos, equipamentos e acessórios
- composição (autor)
- instrumentista ou intérprete (tocando/cantando/gravando para terceiros)
- cantor independente (voz e violão)
- arranjador
- maestro
- trilha sonora (publicidade, jogos, teatro, cinema, moda)
- DJ (rádio, show, festa, boate)
- sinfônica (emprego público)
- ensino (licenciatura)
- estúdio de ensaio
- estúdio de gravação
- estúdio móvel
- mixagem
- masterização
- replicação de mídia (vinil, CD, DVD)
- organização de eventos (festivais, concursos, prêmios, shows)
- marketing cultural (elaboração e captação de projetos musicais)
- design (capas de disco e material gráfico)
- web (programação ou design para o setor)
- assessoria de imprensa (especializada em música)
- produtora de vídeo (clipes, documentários, DVDs)
- tecnologia da informação (produtos para o setor)

Tendo em vista todas essas modalidades de investimentos, é interessante para o músico, investidor, empreendedor da música, sempre diversificar seus meios de ganhos. Através desta diversidade ele poderá expandir seus negócios, e aperfeiçoar seus ganhos, não trabalhando somente em uma área ou segmento.



No cenário atual de grande competitividade, pequenos empreendedores e, principalmente, grandes corporações, investem fortemente em estratégias de marketing, publicidade e repertórios simbólicos específicos relacionados à sua marca, pois, sabem que cativarão e produzirão identidade com o seu público. Ao mesmo tempo, podem apoiar produções culturais de determinada região e, com isso, melhorar a imagem perante a população daquele território. Ou ainda, atrelar ao consumo de determinados produtos a produção de experiências capazes de mobilizar o imaginário dos indivíduos. Assim, nesse contexto, a indústria cultural de uma determinada localidade é crucial para o desenvolvimento, não apenas pelo que ela representa como setor produtivo em si, mas, pelo que esta indústria pode agregar de valor ao restante da produção deste território (HERSCHMANN; MICAEL, 2006).

Cabe salientar também o papel da internet como uma arena imprevisível para a indústria da música que, desde os anos 1990, busca formas de lucrar na rede mundial de computadores. A grande indústria se depara com dificuldades para convencer um consumidor a pagar por algo que está disponível gratuitamente em diversos sites. “É difícil competir com algo que é grátis”, admitiu o diretor-presidente da EMI Records Music, Ken Berry (WALL STREET JOURNAL, 2017).

No cenário atual é importante a existência de algumas formas para se obter rendimentos com as músicas. Um deles é o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição mais conhecido por ECAD. Um escritório privado brasileiro responsável pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais das músicas aos seus autores.

3. METODOLOGIA

Para entender como se deu o crescimento do atual ritmo sertanejo universitário, denominado anteriormente como caipira, se faz identificar como foi o crescimento deste ritmo, analisar sua história e buscar compreender qual a ligação do mundo atual com a época antiga. O que mudou de lá para cá, como mudou, suas consequências, suas originalidades musicais e culturais.

A pesquisa qualitativa foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo.

Ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como eu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via o trabalho intensivo de campo.

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita quando o objetivo do estudo é entender o porquê de certas coisas, como a escolha dos eleitores, a percepção dos consumidores, a preferência de um público etc.

Como técnica de investigação, o estudo utiliza as pesquisas bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002).

Corroborando, Cervo e Bervian (1990, p.55) argumentam que “a pesquisa bibliográfica como a que explica um problema a partir de referenciais publicados em



documentos”. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Tendo em uso também a pesquisa documental, (Gil, 2002), destaca como principal diferença entre esses tipos de pesquisa a natureza das fontes de ambas as pesquisas e chega a ser confundida com a pesquisa bibliográfica. Ainda de acordo com o autor, a pesquisa bibliográfica utiliza-se principalmente das contribuições de vários autores sobre determinada temática de estudo. Já a pesquisa documental baseia-se em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa.

Segundo Silva (2009), a pesquisa documental, enquanto método de investigação da realidade social, não traz uma única concepção filosófica de pesquisa, pode ser utilizada tanto nas abordagens de natureza positivista como também naquelas de caráter compreensivo, com enfoque mais crítico. Essa característica toma corpo de acordo com o referencial teórico que nutre o pensamento do pesquisador, pois não só os documentos escolhidos, mas a análise deles deve responder às questões da pesquisa, exigindo do pesquisador uma capacidade reflexiva e criativa não só na forma como compreende o problema, mas nas relações que consegue estabelecer entre este e seu contexto, no modo como elabora suas conclusões e como as comunica.

Visando comprovar a hipótese de que houve um crescimento desse gênero musical até os dias atuais, a pesquisa utiliza os dados do Escritório Central de Arrecadação (ECAD) entre os anos de 2013 a 2015. De acordo com Brida (2012), a Lei 5.988 de 14 de dezembro de 1973 permitiu às associações dos titulares de direitos autorais que organizassem um escritório central de arrecadação e distribuição dos direitos relativos à execução pública das composições musicais, lítero-musicais e de fonogramas, surgindo então o ECAD. Privilegiaram-se os dados oriundos dos rankings anuais de músicas mais executadas e autores com maiores rendimentos entre os anos de 2013 e 2015

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A música caipira passou por diversas etapas até chegar no cenário atual da indústria fonográfica, onde se tem diversas formas de ganhar dinheiro com o trabalho autoral e empreendedor. Estas etapas colaboraram fortemente para o crescimento do estilo como, por exemplo, a chegada da rádio, que após certo tempo passou a autorizar comerciais em 10% da programação total que se tinha. Tendo que a partir deste momento as rádios começaram a buscar diversos artistas e produtores para adicioná-los em suas programações.

A partir dos anos de 1936, os aparelhos de rádios que antes eram de difícil acesso, começaram a ser vendidos, e todos que na época tinham condições, poderia comprar o equipamento em lojas do ramo. Outro grande passo para que o gênero se espalhasse por todo o Brasil, foi o surgimento do sertanejo nos aparelhos radiofônicos e nas gravadoras. As guitarras elétricas também modificaram o mercado, dando um charme nas músicas e inovando completamente o estilo que antes usava instrumentos específicos como a viola.

Alguns cantores da época traziam uma diferença notável já percebida em suas letras musicais. Milionário e José Rico usavam a guitarra elétrica em seu repertório, e chegaram a confundir seu público com suas canções lembrando o estilo musical “brega”. Eram canções com temáticas românticas e melodramáticas que buscavam a produção que se destacou no mercado fonográfico brasileiro a partir dos anos 80 com as duplas que inovaram o mercado como Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Gean e Giovani, dentre outras. (ZAN, 2004, p.4)



Com toda essa evolução, o sertanejo passou a ser chamado por críticos musicais e pesquisadores de “sertanejo pop” ou “neo sertanejo”, dirigido a um público suscetível à “modernização” da música sertaneja.

A indústria fonográfica se interessou profundamente por esse estilo inovador e promissor e investiu no segmento, onde obtiveram grande sucesso com as vendas de CD’s dos artistas e com isso promovendo um grande consumo específico do estilo.

Com base nos dados fornecidos pelo site do Ecad, sua distribuição dos direitos autorais de execução pública musical, tem como base critérios utilizados internacionalmente e definidos por sua Assembleia Geral, composta pelas associações de gestão coletiva musical. As associações são responsáveis pela fixação de preços e pela definição de todas as regras de arrecadação e distribuição dos valores.

Para fazer parte do sistema brasileiro de gestão coletiva musical, e ter seus direitos autorais protegidos, é preciso que o titular se filie a uma das sete associações que administram o Ecad. No ato de sua filiação, deve informar todo o seu repertório à associação escolhida, inclusive com os percentuais de participação em cada obra musical ou fonograma e parcerias, se houver. Uma vez filiado, a associação de música torna-se mandatária para a prática de todos os atos necessários à defesa de seus direitos autorais, inclusive o de cobrança e distribuição dos valores decorrentes de execução pública musical. Sendo o Ecad organizado pelas associações para realizar a arrecadação e o processamento da distribuição, ele passa então a ser o representante de milhares de titulares filiados a estas associações.

Após o recebimento dos valores arrecadados, o Ecad realiza a captação e identificação das músicas executadas em cada segmento e, em seguida, efetua a distribuição desses valores.

Dos valores arrecadados pelo Ecad, 85% são repassados para os titulares filiados às sociedades de gestão coletiva musical. Outros 5% são destinados às associações, para cobrir suas despesas operacionais, enquanto os 10% restantes são destinados ao Ecad para pagamento de suas despesas administrativas em todo o Brasil (ECAD, 2017).

Os grandes cantores e compositores do Sertanejo, e de todos os outros estilos, conseguem através deste escritório a remuneração por sua obra realizada. Através disto, qual quer lugar onde haja rádio, onde haja uma música sendo executada, eles conseguem ter o controle dos direitos da música ouvida, e conseqüentemente total administração sobre os arrecadamentos e os repasses desses trabalhos.

Fazendo um parâmetro sobre as arrecadações do ramo musical, destacando o ritmo Sertanejo Universitário nos dias atuais, pude analisar que os artistas que mais arrecadam anualmente, no segmento de autores com maiores rendimentos em 2017, colocando em uma escala de 1 a 5 foram:

- Marília Mendonça 1º
- Eduardo Costa 3º
- Paula Fernandes 6º
- Sorocaba (Fernando e Sorocaba) 9º
- Matheus (Matheus e Kauan) 16º

Por outro olhar, agora mais expressivo e objetivo em relação à pesquisa, foram recolhidos dados de rankings das músicas mais executadas no período dos anos 2013/2017, e pude perceber que na maior parte dos anos, a música sertaneja atual predominou o ranking com suas canções de sucesso mais executadas ficando nas primeiras posições.



- 2013
 - 7º Vidro fumê - Carlos Colla/Kaliman Chiappini
 - 9º Gatinha assanhada - Gabriel Valim/Alex Ferrari
 - 10º Louquinha - Dennis Dj
 - 11º te esperando - Bruno Caliman
 - 12º Camaro amarelo - Marcia Araújo/Marco Aurélio/Thiago Machado/Bruno Caliman
 - 13º Sograo Caprichou - Marcia Araújo/Bruno Caliman/Luan Santana/Cristiano Savatti
 - 14º Flor - Zé Henrique/Renato Barros
- 2014
 - 1º Fui fiel - Fábio O'Brian/Pablo/Magno Santana/Filipe Escandurras
 - 2º Maus bocados - Gerson Gabriel/Rafael/Bruno Varajão
 - 3º Domingo de manhã - Bruno Caliman
 - 4º Lepo lepo - Magno Santana/Filipe Escandurras
 - 5º Parabéns a você - Lea Magalhães/Mildred Junius Welch Hill/Patty Smith Hill
 - 6º Jeito carinhoso - Allê Barbosa
 - 7º logo eu - Samuel Deolli/Filipe Labret
- 2015
 - 2º Maus bocados - Gerson Gabriel/Rafael/Bruno Varajão
 - 3º Jeito Carinhoso - Allê Barbosa
 - 4º Domingo de manhã - Bruno Caliman
 - 6º Gordinho gostoso - Dj Ivis
 - 7º até você voltar - Juliano Tchula/Marília Mendonça
 - 8º não tô valendo nada - Henrique Tavares/Juliano
 - 9º logo eu - Samuel Deolli/Filipe Labret
 - 10º Fui fiel - Fabio O'Brian/Pablo/Magno Santana/Filipe Escandurras
 - 11º vai no Cavalim - Big Big/Samy Coelho
- 2016
 - 1º Escreve aí - Dudu Borges/Bruno Caliman/Luan Santana/Douglas Cezar
 - 2º Sapequinha - Ivan Medeiros/Eduardo Costa/Cabrera
 - 4º Bem feito - Renan Gouveia
 - 5º Isso cê num conta - Caco Nogueira/Thiago Teg/Douglas Cezar
 - 6º 10 Minutos longe de você - Leo/Marcelo
 - 7º Mudando de assunto - Marcelo Melo/Theo Jose/Ivan Medeiros/Ane Abreu
 - 8º Aquele 1% - Vinicius, o Poeta/Benício Neto



- 2017
 - 1º Medo bobo - Vinícius Poeta/Junior Pepato/Juliano Tchula/Maraísa/Benício Neto
 - 2º Bom - Umberto Tavares/Jefferson Junior
 - 4º 50 reais - Waleria Leão/Alex/Maykow Melo/Naiara Azevedo/Bruno Mandioca
 - 5º Eu, você, o mar e ela - Dudu Borges/Luan Santana/Douglas Cezar
 - 6º Infiel - Marília Mendonça
 - 9º Pensa, explica - Elcio Di Carvalho/Ruan Soares/Junior Pepato/Michel Alves/Larissa Ferreira
 - 10º Pronto falei - Eduardo Costa
 - 11º Seu polícia - Junior Angelim

Estes comparativos servem para entender e observar o quanto o Sertanejo Universitário se tornou forte e predominante no cenário da música. Independente das suas raízes, o ritmo simples e recatado cresceu e tomou forma expressiva no mercado fonográfico brasileiro. Atualmente, com uma proposta um pouco diferente, mas ainda trazendo o que nunca foi tirando com as suas atualizações. A essência da música, suas verdades da vida em melodia, o jeito simples de cantar, e as letras simples e marcantes conquistaram o público brasileiro em geral e veio a se tornar um dos ritmos mais fortes do país.

Todos estes artistas são famosos por suas composições e realização de trabalho com shows e eventos, o que os torna mais flexíveis e abertos a outros gêneros musicais. Neste caso a abertura seria para gravações, parcerias, e investimentos em outro segmento artístico. O que destaca o grande nível de empreendedorismo no ramo da música.

Refletindo rapidamente sobre todo começo do segmento sertanejo, a gama que ele atingiu, e o que ele representa atualmente no cenário musical, é visível o quanto se expandiu a proporção que ele tomou comparado a sua história inicial. O caboclo evoluiu, e com isso suas histórias e canções também ganharam letras e melodias diferentes. O grande marco de toda essa mudança histórica e cultural, foi que pelo estilo do sertão ter se originado do homem do campo, da roça, da poeira vermelha, ele não se desfez totalmente com o tempo. Através das canções mais atuais, e dos shows que são realizados, os artistas relembram em seus repertórios as músicas que mais marcaram as vidas das pessoas. Isto nos retrata o quanto o começo de toda essa história ainda está viva mesmo após todas as suas mudanças nesse espaço de tempo. O sertanejo é um ritmo simples, que expõe canções melódicas que são capazes de trazer emoções à todas as pessoas que as ouvem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial, o principal objetivo era identificar o crescimento do estilo musical sertanejo a partir das evoluções ocorridas, tomando por base os dados oriundos do ECAD entre os anos de 2013 a 2016. Tendo em vista que a música sertaneja tem toda uma história cultural e significativa para a pesquisa, foi abordado também como se deu o seu início e as principais mudanças que ocorreram até os dias atuais.

Demonstra-se que o sertanejo caipira teve suas origens do caboclo homem do campo, que por sua própria mão de obra construíram cópias de instrumentos de Portugal dando assim



início a uma nova tradição que ajudaria a nova nação a mostrar seu simples talento musical e mudando toda a história do homem rural, o sertanejo.

Contudo, essa história e crescimento evoluíram de forma considerável e fez surgir uma elite paulista, mas que obtinha alguns valores europeus, principalmente franceses, e preconceituosamente desdenhava do homem simples que habitava no campo.

O passar do tempo e a expansão do rádio como meio de comunicação contribuiu para a desmistificação dessa imagem do homem do campo.

Durante muito tempo o rádio se tornou o principal meio de divulgação, mesmo na era televisiva se destacava pelos incontáveis ouvintes. Tal fato trouxe diversos benefícios para os cantores que buscavam se apresentar e divulgar seus trabalhos nas rádios. Esses trabalhos são feitos até os dias de hoje. Cantores se espalham pelo Brasil para divulgarem suas músicas na busca do sucesso pelos ouvintes.

Através das atualizações no cenário, a indústria também se solidificou e mudou com o passar dos anos. O ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) faz o trabalho de recolhimento dos direitos autorais e faz os repasses para todos os artistas filiados do Brasil todo.

Ficou perceptível que o passar dos anos fez com que o povo brasileiro acolhesse o homem do campo sertanejo, contribuindo para toda sua evolução histórica na música sertaneja. Atualmente pode-se dizer que o sertanejo universitário está transformado devido às suas alterações com o passar dos anos. Mas essas mudanças ajudaram e colaboraram com a cultura brasileira empregando diversas pessoas que vivem de música, que são donos do próprio negócio, que são empreendedores. E não se aplica somente a quem canta o estilo sertanejo para ser mais específico. Essa janela se abriu para todos os outros estilos, promovendo uma evolução significativa em todo o cenário musical e fonográfico do país.

Este artigo demanda um maior aprofundamento sobre o tema abordado. Como limitações, destaca-se a baixa produção científica envolvendo essa temática, o que acabou por dificultar a discussão teórica e obtenção de dados para a análise dos resultados. Merece destaque o fato de o site do ECAD estar desatualizado e possuir um layout de página pouco amigável. Contudo, ainda podem-se obter resultados suficientes para compreender a história e o crescimento elevado do ritmo sertanejo universitário nos dias atuais.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. De caipira a universitário. Matrix Editora, 2012

ALONSO, G. Cowboys do asfalto. Música sertaneja e modernização brasileira. 2011. 528 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2011.

BRIDA, A. C. As limitações do ECAD-Escritório Central de Arrecadação e Distribuição-perante a Lei 9.610 de 1998, quando atuante na fiscalização e arrecadação dos direitos autorais, com especial enfoque no poder de polícia administrativa. 2012. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

CALABRE, L. A era do rádio. Zahar, 2002.

CERVO, A; BERVIAN, P. Metodologia Científica, 5.ed. São Paulo: Afiliada, 1990.

DE MARCHI, L. Indústria fonográfica e a Nova Produção Independente: o futuro da música brasileira? Comunicação Mídia e Consumo, v. 3, n. 7, p. 167-182, 2008.

ECAD. Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. 2017. Disponível em: <http://www.ecad.org.br/pt/efaco-musica/como-e-feita-a-distribuicao/Paginas/default.aspx> Acesso em 14 out. 2017.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.



HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A indústria da música brasileira hoje—riscos e oportunidades. Comunicação & música popular massiva. Salvador: EDUFBA, p. 87-110, 2006

MELON, C. A. Transformação da música sertaneja do século XX: o jogo da contenção e absorção. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN, 2013.

NEPOMUCENO, R. Música caipira: da roça ao rodeio. Editora 34, 1999.

RODRIGUES, I.; LAIGNIER, P.; BARBOSA, M. Da Viola Ao Teclado: Uma Análise da Transição da Música Sertaneja da Década de 80 até os Dias Atuais. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto – MG, 2012.

SALAZAR, L.; ASSUNÇÃO, L. M. Música, LTDA: o negócio da música para empreendedores. Recife: Sebrae, 2010.

SILVA, L. R. C. et. al. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: Congresso Nacional de Educação. 2009.

VILELA, I. "O caipira e a viola brasileira" Sonoridades luso-afro-brasileiras. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2004.

ZAN, J. R. Novos hibridismos na música sertaneja. In: V Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. Rio de Janeiro, 2004.

ZAN, J. R. Música popular brasileira, indústria cultural e identidade. Eccos revista científica, v. 3, n. 1, 2001.